

**Para a tradução simultânea
PORTUGUÊS DO BRASIL**

Rocca di Papa, 24 de janeiro de 1991

Pensamento Espiritual:

A PALAVRA DE DEUS EM PRIMEIRO LUGAR¹

Caros amigos,

O que não deveria ter acontecido, no entanto, aconteceu: há oito dias começou uma guerra terrível e o mundo inteiro vive em clima de suspense pelo temor de que ela possa se alastrar, envolvendo outros povos².

Também muitos membros do nosso Movimento já estão sofrendo nos países comprometidos, em maior ou menor grau, no conflito: no Iraque, em Israel, na Jordânia, nos Estados Unidos, na Turquia etc.

Apesar das inúmeras orações, inclusive as nossas, Deus permitiu a guerra. Por quê? Porque a vontade de alguns dos responsáveis não coincidiu com a sua, expressa pela voz unânime dos que tinham maior razão, e que o Papa - a maior autoridade espiritual e moral do mundo - resumiu e concentrou nos seus constantes apelos à paz e seus alertas à inutilidade da guerra para a resolução dos problemas e para impedir as suas inevitáveis consequências catastróficas.

Esperamos apenas que, nos seus misteriosos planos, Deus queira tirar, com seu infinito amor, alguma coisa boa deste grande mal, como fez na última Grande Guerra, ao menos no que diz respeito ao nosso Movimento. Não seria merecida, mas conhecemos a imensidão da sua misericórdia. Por isso e, antes de tudo, para que retorne a paz, não cessaremos de rezar; muito pelo contrário! O nosso time out agora deverá ser mais intenso.

Além disso, neste momento devemos nos sentir todos chamados a seguir com decisão uma linha de vida que corrija, ao menos dentro de nós (mas, pela comunhão dos santos, também em muitos outros), o erro que foi cometido.

Os homens não fizeram a vontade de Deus, do Deus da paz; fizeram a própria vontade.

Devemos nos impor, mais do que nunca, cumprir com perfeição a sua

¹ Chiara Lubich, *Caminhar juntos*, São Paulo, 1995, Pág. 59-62.

² Trata-se da Guerra do Golfo Pérsico, entre o Iraque e tropas norte-americanas e de outros países, para libertar o Kuwait ocupado por aquele país.

vontade, expressa nas suas Palavras.

Suas Palavras devem ter para nós, hoje, uma importância toda especial.

Se escolhemos Deus como Ideal - e esta é a nossa identidade -, se o colocamos em primeiro lugar, isto requer, na prática, que coloquemos em primeiro lugar no nosso coração a sua Palavra, a sua vontade. Ela deve prevalecer a tudo o mais. Diante dela, todas as outras coisas devem se tornar, de certo modo, indiferentes, com aquela santa indiferença mencionada por alguns santos. Não devemos dar tanta importância na nossa vida, por exemplo, ao fato de ter saúde ou estar doente, de estudar ou servir, de dormir ou rezar, de viver ou morrer. O importante é viver a Palavra, ser Palavra viva.

Assim vivíamos nos primeiros tempos do nosso Movimento quando, justamente no cenário de uma outra guerra, o Espírito Santo nos tinha recém-iluminado sobre o valor das coisas.

Gostaria de lembrar ainda, para ser o mais clara possível, um episódio significativo daqueles tempos, emblemático, talvez até conhecido por alguns, e que nos dá também hoje a ideia de como é preciso nos comportarmos.

O Movimento começava a se difundir inclusive em Roma e nós necessitávamos de uma casa. Era muito difícil encontrá-la, mas providencialmente foi-nos oferecida uma casa e conseguimos a importância que deveríamos pagar como sinal. Fomos, então, falar com o nosso arcebispo de Trento para informá-lo.

Nesse ínterim, ele estava procurando um jeito de certificar-se se a nossa Obra era de Deus, e lembrou-se do "sinal dos sinais" apontado pelo seu fundador, Gaspere Bertoni: a obediência. E teve, assim, a ideia de colocar-nos à prova.

Chegando, nós lhe expusemos a nossa intenção, mas ele se opôs com um claro "não", justificando sua resposta pelos tempos difíceis que atravessávamos.

A nossa reação — que deu ao bispo a confirmação que procurava — foi imediata: alegria e exultação. Havíamos descoberto a vontade de Deus e não desejávamos outra coisa, pois tínhamos entendido muito bem o que ela significava. Ela estava contida nas palavras do bispo. Não nos importava absolutamente ter ou não uma casa, mas poder fazer a vontade de Deus. Aquele era o Ideal!

Devemos comportar-nos deste modo também hoje.

Alguém de nós sofreu uma grande e dolorosa mudança de vida? Devemos correr aos refúgios com frequência, exatamente como naqueles tempos, longínquos mas tão significativos para nosso coração? Passamos por momentos de medo, de angústia, de incerteza até mesmo que nossa vida nos seja tirada? Ou vivemos a vida de sempre, com os nossos compromissos diários, ainda

distantes do perigo?

Que para todos tenha valor o que mais vale: nem uma coisa nem outra, mas a vontade de Deus.

A Palavra de vida do próximo mês diz: "Este é meu filho muito amado; ouvi-o" (Mc 9,7).

Sim, é preciso ouvi-lo, colocar a sua Palavra em primeiro lugar no nosso coração, na memória, na mente. Colocar, antes de qualquer outra coisa, todas as nossas forças a seu serviço.

E para concretizá-la, escutemos neste mês aquelas palavras: "Não a minha vontade, mas a tua seja feita" (Lc 22,42).

Através dela, praticando-a todos nós, retificaremos, ao menos em nós, o erro cometido. Através dela, Cristo permanecerá no nosso coração, e assim seremos todos mais compactos, mais unidos, mais uma só coisa, compartilhando tudo, rezando eficazmente uns pelos outros e pelo retorno da paz.

Caros amigos, até breve, até breve, e — esperemos — com melhores notícias!

Chiara Lubich